

# INTRODUÇÃO

## Parte III

Ricardo Paes de Barros\*

Miguel Nathan Foguel\*

Gabriel Ulyssea\*

**E**sta *terceira parte* inicia a análise dos determinantes da queda recente na desigualdade de renda brasileira, que é feita de forma seqüencial: toma como ponto de partida os fatores mais imediatos e prossegue na direção das causas mais distantes. Nessa parte inaugural, limitamo-nos à identificação dos fatores determinantes mais imediatos, com o objetivo de construir um mapa que possa servir de base para uma busca mais aprofundada das causas explicativas, tarefa essa da qual se ocupam as quatro partes que integram o segundo volume deste livro.

Os quatro capítulos que compõem a presente parte revelam, conjuntamente, que a queda recente da desigualdade de renda resultou tanto de transformações no mercado de trabalho como de mudanças no sistema público de transferências de renda às famílias. As transferências públicas são analisadas nos capítulos 11 e 12, ambos reconhecedores da importância de dois fatores: (a) a criação de programas bem focalizados, como o Programa Bolsa Família (PBF) e o Benefício de Prestação Continuada (BPC); e (b) a redução da desigualdade nas aposentadorias e pensões decorrente do aumento no valor real do salário mínimo. Esses capítulos, entretanto, limitam-se a identificar o papel das transferências públicas, pois a análise de como elas contribuem, exatamente, para a queda recente na desigualdade, assim como de sua capacidade de permanecer contribuindo para futuras reduções, é objeto dos nove capítulos que compõem a *quarta parte* do livro.

A importância da geração de empregos e de aumentos na produtividade é explicitamente tratada nos capítulos 12 e 13. Esses concordam que, a despeito de o crescimento na taxa de participação ter gerado um importante impacto sobre o crescimento da renda das famílias, sua contribuição para a redução na desigualdade foi extremamente

\*Ricardo Paes de Barros é coordenador de Avaliação de Políticas Públicas do Ipea, Miguel Nathan Foguel e Gabriel Ulyssea são pesquisadores do Ipea.

limitada, em particular porque a evolução da taxa de desemprego e da duração da jornada de trabalho não beneficiou as famílias mais pobres. A produtividade do trabalho, ao contrário, desempenhou um papel central: mais da metade da queda na desigualdade resultou do declínio dos diferenciais de produtividade no mercado de trabalho. Mais ainda, os capítulos 11 e 13 apresentam evidências de que boa parte dessa relação entre produtividade e queda na desigualdade foi mediada pela educação, principalmente pela redução nos diferenciais de remuneração entre trabalhadores qualificados e não qualificados.<sup>1</sup>

Além da redução dos diferenciais de produtividade e do importante papel desempenhado pela educação, o capítulo 11 aponta para a importância da crescente integração dos mercados de trabalho urbano e rural, bem como para a redução dos diferenciais entre brancos e negros. Esse capítulo mostra também o importante fato de a recente queda na desigualdade no Brasil ter ocorrido sem que se tenha observado uma concomitante redução nos diferenciais inter-regionais. A evolução da segmentação espacial e setorial é tratada em maior profundidade nos capítulos 28 e 30, enquanto a segmentação formal e informal é discutida nos capítulos 28, 30 e 31, todos eles integrantes da *sexta parte* do livro. Para uma análise mais minuciosa da discriminação por gênero e cor no mercado de trabalho, veja os capítulos 28 e 29.

Finalmente, é fundamental ressaltar que todos os capítulos desta *terceira parte* investigam a contribuição das transformações demográficas para a recente queda na desigualdade, e concluem terem sido elas distributivamente pouco relevantes. Tal questão, entretanto, é enfocada mais pormenorizadamente apenas no capítulo 14, que analisa as transformações na composição etária e por sexo das famílias. Mesmo quando as transformações demográficas recentes são tratadas de forma desagregada, observa-se que seu impacto distributivo é reduzido. De toda forma, é importante ressaltar que no capítulo 14, assim como ocorre nos anteriores, a investigação se limita à análise dos impactos demográficos diretos. É provável que boa parte dos impactos demográficos sobre a desigualdade seja indireta, tal como o eventual efeito de uma redução na taxa de fecundidade sobre a taxa de participação feminina e a escolaridade das crianças.

<sup>1</sup>Essa questão é retomada na *quinta parte*, na qual a relação entre capital humano e queda na desigualdade é investigada em profundidade.